

Recursos Humanos & Rock and Roll

Jorge Fornari Gomes

Superado o estágio em que trabalho significa sofrimento e prazer significa culpa, a tendência é a de se evoluir para outro onde o trabalho e o prazer já não guardam limites entre si. A busca de ser uma pessoa completa esta cada vez mais viável quando, de maneira honesta, passamos a aceitar as pessoas em sua totalidade, e não mais nos poucos aspectos que interessam mais diretamente as nossas organizações.

Quando as pessoas estão fazendo o que gostam, estão usando suas melhores competências e tem mais chances de serem bem sucedidas. Quem está realmente interessado no seu crescimento pessoal, e de outras pessoas, precisa descobrir quais são as competências que possuem, e, eventualmente, não estão usando.

Cada indivíduo dispõe de uma *caixa ferramentas*, um conjunto de competências, algumas mais evidentes, outras mais no fundo da caixa. Com ela atua sobre a realidade procurando transformar um mundo em si, em um mundo para si, personalizado à sua própria existência, moldado aos seus desejos. É preciso revirar a caixa de ferramentas para saber mais sobre suas competências disponíveis e trazer a tona as que não estão sendo usadas. Aproximamo-nos de algumas coisas mais úteis, mas, é preciso se dar a oportunidade de testar outras que podem eventualmente nos trazer satisfação e felicidade. Quando se tem a sorte de poder aplicar as competências mais fortes em algo que é economicamente valorizado, se consegue conjugar prazer e sucesso financeiro.

Muitas pessoas se lamentam de ter deixado seus sonhos e desejos de lado para se dedicar a trabalhos e atividades que apresentam melhor retorno econômico. Felizmente cresce o número daqueles que lutam por gerenciar seu tempo, para incluir em suas vidas atividades que lhes completam e trazem prazer e satisfação.

Como profissional de Recursos Humanos, pude perceber na minha própria vida como tem sido importante conjugar a aplicação de competências na vida profissional da empresa e em outras atividades intelectuais e artísticas.

Uma vida de Rock & Roll

Como muito dos jovens da década de sessenta a música foi um ponto de referência marcante. Criado em São Paulo, o Rock me inebriava e foi base para muitos sonhos e fantasias. Entretanto, ao final dos anos sessenta, a realidade me levaria a abandonar as pretensões de uma carreira musical e o acaso me levou a uma carreira em administração.

De estudante a professor, de estagiário a Diretor de Recursos Humanos, fui descobrindo coisas que me desafiavam, me faziam crescer e me davam prazer. Troquei naquele momento, o palco da música pelo do treinamento, pela sala de aula. Entretanto, a música seguia sempre presente, de forma reservada.

Quinze anos mais tarde, novas possibilidades permitiriam o retorno à vida musical e com mais intensidade. Com a ajuda de um amigo (GHIZZI) concluímos um disco de vinil com músicas de minha autoria (as quais você pode ouvi-las aqui mesmo).

A administração se misturava com a música. Como se fosse gerente do produto cuidei de todas etapas da produção e o disco **Double G, Old Cats Young Hearts** foi lançado em 1991. Um pequeno erro estratégico fez o produto ficar inviável em poucos meses: o surgimento do CD. Lançado o disco, formamos uma banda, o, que seguiu junta até 98, fazendo apresentações em várias casas de São Paulo, com destaque para o Bourbon Street. Em São Paulo me apresentava em média a cada três meses o que não contribuía muito para minha maturidade (segurança) musical. O que eu fazia era gravar as músicas em casa num gravador de oito canais.

Quando deixei São Paulo em 1998 para me juntar a ATL e cair nas Noites Tropicais do Rio me surgiu a dúvida: haveria espaço para o Rock & Roll no reduto da Bossa Nova? Segundo o Cyd Alvarez, meu amigo, pianista e presidente da NBS (notem a ordem de importância), as chances eram mínimas. Entretanto, a vida é uma *caixinha de surpresas* e oportunidades. Numa *Jam session de jazz e bossa nova*, conheci um baterista (Chico Mazza) que tinha dois filhos, um guitarrista (Chico) e outro contrabaixista (Léo) e junto com o Cyd no piano, logo uma nova banda tomou corpo, e, em Dezembro de 1999 foi ao ar a NRB - Nights of Rock & Blues no Satchmo, um bar muito transado em Botafogo. Aos poucos novos integrantes surgiram, o little Antony nos vocais e o Tony da gaita.

Desde então, as noites das quintas-feiras de Botafogo, e as minhas, não seriam mais as mesmas. Aos poucos o público foi descobrindo uma banda descontraída que misturava Rock, Blues e Jazz. A próxima escala foi o Bastidores Bar, na Barra. Nada mau para uma banda iniciante na cidade da Bossa Nova. Tocamos em muitos lugares e festas inclusive no ATLHall nas festas da ATL/Claro, é claro...

Como a vida é a tal caixinha de surpresas o Satchmo fechou, e eu fui transferido para São Paulo. De volta comecei a ensaiar com o Romeu para reviver o Double G. graças ao Robert Wong conhecemos o pessoal do Jam Warehouse onde ficamos por uns oito anos. Foi a época em que descobrimos alguns truques musicais tais como o playback e o pedal de voz que permitiam a dupla ter um som mais completo. Voltamos com alguns shows no Bourbon onde minha grande alegria foi tocar no mesmo palco e na mesma semana do Ray Charles. O Double G virou uma confraria que ia da dupla ao sexteto, composto por grandes músicos tais como o Cyd (piano); Petch, David, Willian (contrabaixo), Franklin, Elvis, Norival (bateria); Chiquinho de Almeida (sax); Ghizzi Rodrigues e Luizinho Ghizzi (Vocais e Guitarra).

Hoje tocamos semanalmente no Charles Edward, mensalmente no Clube Pinheiros e esporadicamente no Bourbon Street.

Fazer o que gosta

Muita gente me diz que gostaria de fazer algo parecido. Para alguns colegas o exemplo já está tendo efeito e eles já voltaram a afinar suas competências e suas guitarras. Quando estava no Rio formamos uma banda só de executivos para tocar na festa de final de ano da Câmara Americana.

Toda essa experiência de vida me fez sentir realizar um antigo sonho juvenil, mas também me permite avaliar o quanto as experiências da vida empresarial e a do grupo musical se complementam e se parecem. A banda funciona como um grupo auto gerenciado, onde a liderança se baseia na competência e no respeito mútuo e onde há espaço para cada um desenvolver suas competências e crescer juntos. A confiança recíproca permite que os desentendimentos sejam oportunidades de revisão e que as novas idéias sejam testadas e aproveitadas.

Como resultado, o Double G e o NRB nunca foram os melhores da cidade, mas por certo sempre foram as mais divertidas, pelo menos para nós.